



SERVIÇO SOCIAL E RACISMO: as complicações nas tentativas de ser antirracista

VENZO, Roseneide¹

RESUMO: Esse trabalho pretende apresentar como o modo de produção capitalista influencia diretamente nas relações sociais. Até o Serviço social se tornar uma profissão a igreja e mulheres brancas inserem ações de filantropia para que assim as vejam como pessoas que promovem o bem, contudo a forma como trabalhavam era pontual. O objetivo desse trabalho portanto, é esboçar que o Serviço social na sua origem e ainda em algumas situações não é antirracista, já que sua história e sua formação não integram tal questão. A metodologia utilizada na tentativa de alcançar o objetivo foi qualitativa e exploratória. Já os resultados se inserem a partir do fim da sociedade de classes, para que assim seja possível que não se tenha opressões que segmentam os seres humanos, destruindo desse modo, também as relações raciais.

PALAVRAS-CHAVE: Serviço Social; antirracismo; marxismo.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho pretende discorrer sobre questões que são caras ao Serviço Social até os dias de hoje. Isto é, racismo, capitalismo e as dificuldades que a profissão tem em relação a tal temática. Também esse escrito se baseia na teoria marxista para formular seus argumentos. Sendo sua metodologia exploratória e qualitativa.

A teoria marxista é a base que se escolhe pois entende-se que é a melhor maneira que colabora para compreender o todo. A totalidade como se chama é o recurso que intenta para que se almeje visualizar o horizonte por completo. Dessa forma, verifica-se que o capitalismo é o modo de produção vigente que esmaga no seu cotidiano trabalhadores de todo o mundo, onde se funda com certa constância resultando em um sofrimento de uma classe mundialmente atingida.

A partir disso, nota-se que o trabalho se submete ao capital (ALMEIDA, 2019), e assim, ele faz com que outras opressões se manifestem vinculadas umas às outras, prova disso é que raça, gênero, classe, orientação sexual se fundem e transmitem o que há de pior no mundo hoje. Fazendo com que a população oprimida sofra de diversas formas, e não só porque está incluída nesse modo de produção.

Por conseguinte através disso, se tem o racismo onde se destaca por arruinar milhões de vidas, ele se manifesta onde pode, se expressa desde o íntimo do ser humano até de formas exteriores para degradar a imagem do mesmo. Contudo, como afirma Silvio

¹ Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: venzo1883@gmail.com.



de Almeida, “o que queremos explicitar é que o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade” (ALMEIDA, 2019, p. 15). Ou seja, não é algo que na sociedade atual é surpreendente/extraordinário e sim o natural, o comum do dia a dia.

O racismo se instala nas relações sociais do cotidiano e com isso ele,

[...] atinge, sobretudo, a sua configuração interna, estipulando padrões hierárquicos, naturalizando formas históricas de dominação e justificando a intervenção estatal sobre grupos sociais discriminados, como se pode observar no cotidiano das populações negras e indígenas [...] (ALMEIDA, 2019, p. 109).

Assim se estreita a relação Serviço Social e racismo já que como supracitado o mesmo se incorpora fazendo com que o público alvo atendido pelo profissional assistente social seja o mesmo (as pessoas são as mesmas porque no Brasil a parcela da população que necessita do Estado é também a que o Estado intervém violentamente, isto é, os negros).

A partir daí percebe-se que raça, classe, gênero, Serviço social e racismo estão atreladas em uma única atividade do profissional, a exemplo disso têm-se as mulheres negras que procuram o Cras.

DESENVOLVIMENTO

Como mencionado no intróito se convive com um sistema nas 24 horas nos dias atuais com a exploração de milhares de seres humanos. A classe trabalhadora é a parte que permanece sendo oprimida por razões de subsistência. Ainda se têm variadas formas de se oprimir nesse sistema que muitas vezes determina classificações do maior para o menor sofrimento empregado pelo planeta.

O autor marxista Ricardo Antunes mostra que “O capital operou, portanto, o aprofundamento da separação entre a produção voltada genuinamente para o atendimento das necessidades humanas e as necessidades de autorreprodução de si próprio” (ANTUNES, 2009, p. 28). Não se pode esquecer também que o modo de produção capitalista não se move para que se tenha soluções para com a classe trabalhadora e sim se movimenta para que se tenha frequência na dificuldade da mesma viver nesse sistema.

Ademais, o escritor marxista Silvio de Almeida insere que,

É neste ponto que a relação estrutural entre racismo e capitalismo demonstra uma incrível sutileza, visto que nacionalismo e racismo são práticas ideológicas que traduzem a comunidade e o universalismo necessários ao processo de submissão real do trabalho ao capital, adaptando tradições, dissolvendo ou institucionalizando costumes, dando



sentido e expandindo alteridades, a partir das especificidades de cada formação social na integração à organização capitalista da produção (ALMEIDA, 2019, p. 107).

Logo, não só o capitalismo pertence a base, mas também o racismo, pois, os mesmos são relações sociais que estruturam a vida do ser humano nesse sentido. Então esses processos ocorrerem de maneira que se amalgamam entre si e em consequência se tem no caso dos negros diferenciadas ações que ultrajam a realidade dessa população, um exemplo do que se apresenta é desde dificuldades cotidianas como no Brasil ao tentar encontrar trabalho, tentativas de estudar, se alimentar; mas também com questões interiores como o psicológico/emocional dessas pessoas, não só em suas relações mas também consigo.

Constata-se que a partir do capitalismo a conjuntura se imbricou de forma que, “A ‘questão social’ seu aparecimento diz respeito diretamente a generalização do trabalho livre numa sociedade em que a escravidão marca profundamente seu passado recente” (IAMAMOTO, CARVALHO, 2014 p. 133). Apesar da autora discorrer como se fosse algo anterior entende-se que o racismo e as marcas da escravidão são agora, logo, observa que a escravização de pessoas negras é anterior a divisão técnica do trabalho, e essa escravização deixa vestígios que resultam na sociedade de classes de hoje.

Sabendo que se vive nesse modo de produção com raízes exploratórias e selvagens (entende-se que é redundante chamar o capitalismo de selvagem, mesmo assim preferiu-se dar tal veemência) da burguesia, do Estado e da igreja, o Serviço Social surge a partir dos resultados e martírios da classe que vive do trabalho (ANTUNES, 2009). Com um Estado muito atrelado ainda a igreja católica era assim que se centrava a política e as relações sociais da época. Num primeiro momento como ações filantrópicas e posteriormente como profissão, profissão esta que se utiliza hegemonicamente da filosofia marxiana.

Mesmo entre autores que não se notabilizam por uma abordagem crítica e analiticamente fundada do desenvolvimento profissional, não há dúvidas em relacionar o aparecimento do Serviço Social com as mazelas próprias à ordem burguesa, com as seqüelas necessárias dos processos que comparecem na constituição e no evoluir do capitalismo [...] (NETTO, 2017, p. 14).

Assim a sua égide se inicia como caridade aos pobres. Em sua configuração da época era possível entender tais atitudes das damas brancas de caridade como ações caritativas e sem nenhuma intenção de problematizar ou institucionalizar tal questão. O serviço Social é consequência de um modo de produção que explora negros e brancos, tendo como suporte mulheres brancas que pretendiam fazer o “o bem” e a igreja querendo se promover e consequentemente alcançar poder em cima do proletariado.



Desse modo,

Partimos do pressuposto de que o Serviço Social é demanda do capital. Surge da iniciativa de grupos e frações de classes dominantes, que se expressam através da Igreja, como um dos desdobramentos do movimento do apostolado leigo, especialmente constituído por jovens moças participantes da Juventude Operária Católica (JOC), dos movimentos leigos e da (JUC) Juventude Universitária Católica (BATTINI, 2016, p. 157).

Com isso, entende-se que a autora quis mostrar que é a partir da juventude cristã que o Serviço Social inicia seus trabalhos. Já, Iamamoto insere que apesar de se ter uma juventude ainda que relacione o curso ao “bem”, ainda assim nos nossos dias se tem uma proximidade maior que no passado com o público atendido, um exemplo disso é a renda, pois, mesmo que o profissional Assistente social esteja atendendo um público desempregado e/ou proletário, é visível que o profissional não está muito distante da realidade já que faz parte também da divisão social e técnica do trabalho.

Historicamente, passa-se da caridade tradicional levada a efeito por tímidas e pulverizadas iniciativas das classes dominantes, nas suas diversas manifestações filantrópicas, para a centralização e racionalização da atividade assistencial e de prestação de serviços sociais pelo Estado, à medida que se amplia o contingente da classe trabalhadora e sua presença política na sociedade. Passa o Estado a atuar sistematicamente sobre as sequelas da exploração do trabalho expressas nas condições de vida do conjunto dos trabalhadores (IAMAMOTO, CARVALHO, 2014, p. 85).

Visualiza-se portanto, que “[...] a reprodução das relações sociais atinge a totalidade da vida cotidiana, expressando-se tanto no trabalho, na família, no lazer, na escola, no poder etc., como também na profissão” (IAMAMOTO, CARVALHO, 2014, p. 79, grifos do autor). Sendo assim a autora coloca novamente nas suas palavras que,

Ela hoje prevalece sobre a influência da Igreja católica, que teve dominância ideológica no passado dessa área profissional. O componente religioso atualmente é mais afinado com a ascensão social capitalista, expressando um trânsito da fraternidade à prosperidade. Verifica-se, simultaneamente, uma alteração na composição de classe do contingente profissional, reduzindo a distância social entre a categoria de assistentes sociais e o público atendido, com refrações no universo cultural dos estudantes, o que merece atenção por parte das unidades formadoras (IAMAMOTO, 2014, p. 629).

Após ser entendido como profissão o Serviço social se configura através da “Questão Social” que é sua ferramenta de trabalho. Dito isso, pode se compreender que a “Questão Social” é objeto do qual o serviço social faz uso para determinar tentativas de resolução para



com o proletariado, é o que se pode chamar da resultante do antagonismo entre capital e trabalho.

Ora, um tal mercado não se estrutura, para o agente profissional, mediante as transformações ocorrentes no interior do seu referencial ou no marco da sua prática — antes, estas transformações expressam exatamente a estruturação do mercado de trabalho; na emergência profissional do Serviço Social, não é este que se constitui para criar um dado espaço na rede sócio-ocupacional [...] (NETTO, 2017 p. 54).

Apesar de se ter conhecimento de que a produção teórica dos escritos sobre Serviço Social ter tido morosidade, foi visível que após ter início tais produções as mesmas não se atentaram à questão racial. Assim, constata-se que o serviço social esqueceu de escrever sobre racismo, mesmo sendo um ponto fundante no Brasil da época mas também atualmente. José Paulo Netto põe que “O problema deita raízes mais profundas e complexas num terreno singular: a própria natureza sócio-profissional do Serviço Social. É desta que decorrem, posta a carência de um referencial teórico crítico-dialético [...]” (NETTO, 2017 p. 81).

Se tem uma carência em relação a marxismo em seu início, assim como atualmente se tem em relação ao racismo, evidente que programas de pós-graduação e também alguns autores fazem tal esforço, mas é notório que ainda não é uma realidade para a profissão como um todo.

Obviamente entende-se que individualmente não é possível que profissionais destruam uma opressão que está na sociedade há milhares de anos, todavia, visualiza-se que seja necessário tal vontade. Como aponta Iamamoto, “A produção do indivíduo isolado é uma abstração. A relação entre os homens na produção e na troca de suas atividades varia de acordo com o nível de desenvolvimento dos meios de produção” (IAMAMOTO, CARVALHO, 2014, p. 36).

O serviço social parte da realidade social, isto é, sua ferramenta de trabalho é a “questão social”, contudo o que se visualiza nos escritos da profissão é um favoritismo em relação a classe social, determinando assim que exista uma classificação de importância. Como foi dito acima, é visível que em alguns campos do marxismo e do Serviço social em seus escritos e autores tentam segmentar/nivelar o que tem importância preferencialmente, a exemplo disso tem-se quando discorrem que em primeiro lugar vem a classe e posteriormente outras opressões, contudo discorda-se desse possível argumento, pois não se pode criar um “ranking” de do que “se sofre mais”.

Ou seja: em qualquer hipótese, o Serviço Social não se instaurará como núcleo produtor teórico específico — permanecerá profissão, e seu objeto será um complexo heteróclito de situações que demandam intervenções



sobre variáveis empíricas. Esta argumentação não cancela nem a produção teórica dos assistentes sociais (que não será a “teoria” do Serviço Social e que, naturalmente, suportará a sistematização da sua prática, mas sem se confundir ou identificar com ela nem o estabelecimento formal-abstrato de pautas orientadoras para a intervenção profissional (NETTO, 2017, p. 122).

O Serviço Social tem um Projeto Ético-Político no Brasil que se destaca por sua criticidade e o que se chama também de aparência da profissão, o horizonte pelo qual Assistentes sociais olham para se nortear, desse modo o autor marxista José Paulo Netto destaca, “Em sociedades como a nossa, os projetos societários são, necessária e simultaneamente, projetos de classe, ainda que refletem mais ou menos fortemente determinações de outra natureza (culturais, de gênero, étnicas etc.)” (NETTO, 2006, p. 2).

Ainda o autor continua referindo que, “[...] este projeto profissional se vincula a um projeto societário que propõe a construção de uma nova ordem social, sem exploração/dominação de classe, etnia e gênero” (NETTO, 2006, p. 15). O autor mostra para a categoria que nessa sociedade precisa-se de tal projeto, contudo, mesmo mencionando a questão “étnica” a profissão tem grandes dificuldades em seu início e ainda nos dias de hoje de atrelar seu nome ao antirracismo, já que em seu cotidiano profissional ainda não consegue lidar com o racismo, seja ele institucional ou estrutural.

Para que se consiga ser antirracista, é necessário que a estrutura também o seja. Não se pode culpar exclusivamente os profissionais, contudo é necessário que os mesmos sejam conscientes desse processo. Desse modo,

[...] observamos que possuímos inúmeros desafios – internos e externos à profissão – para avançarmos no debate étnico-racial e em ações antirracistas. Um dos principais desafios é rompermos com a ideologia racista dominante presente na estrutura da sociedade e que repercute também na profissão, considerando todo o processo histórico arraigado sob o mito da democracia racial (MOREIRA, 2019, p. 116).

O autor continua, discorrendo que,

[...] portanto, marca a história do Serviço Social brasileiro na articulação com as lutas dos/as trabalhadores/as, a destacar a luta antirracista, apesar da questão étnico-racial ainda demorar um longínquo tempo, a partir daí, para ter uma maior visibilidade e concretude no interior das entidades profissionais [...] (MOREIRA, 2019, p. 135).

O Serviço Social procrastina ações antirracistas, pois, não tem dimensão do que se trata mas também por ser um profissional contratado pelo Estado, Estado esse que é racista, logo a direção que norteia a profissão tem tais resquícios.

Atrelar o Projeto Ético Político hegemônico com o antirracismo é a finalidade que se dispõe no ambiente profissional crítico. Mesmo sendo possível compreender que tal ação



tenha que partir da categoria e não somente de profissionais isolados. Nesse sentido, “Eis por que o redimensionamento do Estado burguês no capitalismo monopolista em face da “questão social” simultaneamente corta e recupera o ideário liberal” [...] (NETTO, 2017, p. 28). Aqui o autor insere que a chegada do liberalismo se interligando ao capitalismo faz com que se culpe o indivíduo, seja ele o profissional ou o usuário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se portanto, que o capitalismo é o modo de produção que de maneira esmagadora separa o mundo em duas classes sociais. Fazendo assim, com que essa segmentação resulte em diversas opressões. Após se somar a isso é possível compreender que as relações sociais fundantes sejam a questão da classe, da raça, do gênero, etc. Se compõe para expandir as formas do ser humano oprimir outro ser humano, assim vincula-se formas de opressões fazendo com que as mesmas concomitantemente afetem a população.

As demandas que desde o princípio são destinadas ao Serviço Social dizem respeito a classe trabalhadora. Essa classe que oferece sua força de trabalho para sua sobrevivência, isto quer dizer, que é a única forma de subsistir é comercializar seu corpo e deixá-lo inteiramente disponível a burguesia para o capital progredir.

Também as expressões da “Questão Social” são ramificações da sociedade de classes. Portanto, se existe um modo de produção que lucra em cima de outro ser humano é evidente que se terá diversas manifestações da mesma, como vê no cotidiano, o analfabetismo, a fome, o desemprego, entre outras. Associa-se a falta do Estado para com o proletariado que além da sua ausência, existe a violência executada para impedir o proletariado de se manifestar. E o racismo faz parte disso.

Depois de algum tempo se fazendo informalmente vinculado à igreja e a mulheres brancas que almejavam os céus, o Serviço Social se institucionaliza e como nos diz Netto (2017) na intenção de ruptura se torna uma profissão. E após tal institucionalização é perceptível que a mesma não se integra a movimentos para acabar de maneira firme com as opressões, principalmente se tratando de racismo, e é por isso que pode-se entender que em seu princípio e em algumas práticas atuais o Serviço Social não é antirracista.

É visualizando o histórico do Serviço Social que é possível notar que não se tem ainda antirracismo na profissão como todo, mas também já existem algumas ações para promover tal questão. Mesmo que a passos lentos, projeta-se que um dia a profissão conseguirá atravessar tal barreira.

Só com a derrubada desse modo de produção é exequível viver, pois nesse sistema em que o trabalho é o centro da vida, tão somente sobrevive. Então o que se almeja é o fim



da sociedade de classes, para que assim se consiga ter tempo disponível de qualidade para desfrutar de uma vida sem opressões. E assim o racismo não esteja na ordem do dia.

E por isso compreende-se que o modo de produção é a crise, e portanto além de definir do que se trata é necessário que altere-se a realidade dada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. Boitempo Editorial, 2009.

BATTINI, Odária. Apontamentos sobre a História do Serviço Social no Brasil–80 anos. **Serviço Social em Revista**, v. 19, n. 1, p. 155-170. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/28150>. Acessado em: 19/04/2022.

IAMAMOTO, Marilda Villela. Academic and professional training in the Brazilian Social Work. **Serviço Social & Sociedade**, n. 120, p. 608-639, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/t7jmcDg9vPQG3bhmz3WTPCs/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em: 20/04/2022.

_____, Marilda; CARVALHO, Raul de. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil**: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. Cortez Editora, 2014.

MOREIRA, Tales Willyan Fornazier et al. **Serviço Social e Luta Antirracista**: contribuição das entidades da categoria no combate ao racismo. 2019. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/22945>. Acessado em: 20/04/2022.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo monopolista e serviço social**. Cortez editora, 2017.

_____, José Paulo. A construção do projeto ético-político do Serviço Social. **Serviço Social e Saúde**, v. 4, p. 141-160, 2006. Disponível em: https://www.ssrede.pro.br/wp-content/uploads/2017/07/projeto_etico_politico-j-p-netto_.pdf. Acessado em: 20/04/2022.